matias brotas arte contemporânea

SHIRLEY PAES LEME

GEOGRAFIAS IMPURAS

POR MARIO GIOIA[1]

Nas cercanias do ateliê de Shirley Paes Leme, uma edificação contemporânea de ar brutalista, em concreto cinza e detalhes alaranjados, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, quarteirões inteiros anteriormente formados por casas geminadas, jardins frontais e quintais estreitos foram colocados abaixo, em uma continuidade ritmada. No lugar deles, surgem prédios anódinos, com titulos em francês e estilos que reciclam tempos de outrora _ o neoclássico talvez seja ainda o mais corrente _, cuja relação com a cidade, com o público, é nula. Há o caso de fachadas que são cerradas em vias de grande circulação, que vêm a criar cantos e becos, pintadas em um bege mediano, justamente nessas ruas de intenso movimento. "Assistimos de fato a um fenômeno paradoxal em que a opacidade dos materiais de construção se reduz a nada"1, argumenta Paul Virilio.

[1] Graduado pela ECA---USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), foi o curador de Ela Caminha em Direção à Fronteira, de Ana Mazzei, primeira individual da série de exposições Zip'Up em 2012, o segundo ano do projeto na Zipper Galeria (neste ano, também já houve Lugar do Outro, de Julia Kater, Transmission, de Geraldo Marcolini, Íntima Ação, de Carolina Paz, e Planisfério, de Marina Camargo). Em 2012, também fez as curadorias de Miragem, de Romy Pocztaruk, e Distante Presente, de Gordana Manic (galeria Ímpar). Em 2011, inaugurou o projeto Zip'Up com a coletiva Presenças, destinado a novos artistas (que teve como outras mostras Já Vou, de Alessandra Duarte, Aéreos, de Fabio Flaks, Perto Longe, de Aline van Langendonck, Paragem, de Laura Gorski, Hotel Tropical, de João Castilho,e a coletiva Território de Caça, com a mesma curadoria). Em 2010, fez Incompletudes (galeria Virgilio), Mediações (galeria Motor) e Espacialidades (galeria Central), além de ter realizado acompanhamento crítico de Ateliê Fidalga no Paço das Artes. Em 2009, fez as curadorias de Obra Menor (Ateliê 397) e Lugar Sim e Não (galeria Eduardo Fernandes). Foi repórter e redator de artes e arquitetura no caderno Ilustrada, no jornal Folha de S.Paulo, de 2005 a 2009, e atualmente colabora para diversos veículos, como a revista Bravo e o portal UOL, além da revista espanhola Dardo e da italiana Interni. É coautor de Roberto Mícoli (Bei Editora) e faz parte do grupo de críticos do Paço das Artes, instituição na qual fez o acompanhamento crítico de Black Market (2012), de Paulo Almeida, e A Riscar (2011), de Daniela Seixas. É crítico convidado do Programa de Fotografia 2012/2013 do CCSP (Centro Cultural São Paulo)

A obra de Paes Leme resiste, de um modo silencioso e poético, a esse estado de Tanatos que se avizinha. Desde cedo em sua trajetória, em projetos como Formas Lúdicas no Espaço (1979---1983), a abertura para o outro, os elos intrincados e permeáveis com o entorno e o reconhecimento de elementos e coisas locais são fortes vetores em sua produção visual.

Formas... consiste em uma instalação permanente de 12.000 m2, criada inicialmente para Uberlândia (MG), com 30 estruturas de grande porte, brinquedos de madeira e sisal que lembravam 'penetráveis', em formas de redes e túneis variados. Hoje, outras construções estão assentadas sobre o antigo playground. Sob certo aspecto, é um dos projetos mais bem---sucedidos de land art na arte brasileira, empreendendo um olhar expandido sobre tal movimento.

Mais de 30 anos depois desse marcante e pouco conhecido projeto, a artista cria para a capital gaúcha a exposição Incerto Limite, que traz inquietações permanentes em sua carreira, mas com desdobramentos plásticos que sempre se renovam e nos lançam novas perguntas. Na mostra, Paes Leme trabalha em um território movediço, comum na trajetória, em que o hibridismo de abordagens e suportes potencializa a obra, um emaranhado de ideias tão lamacento e fecundo como o mangue de onde tirou extratos para algumas das peças apresentadas nessa individual em Porto Alegre. "É impossível evitar o pensamento lamacento quando se trata de projetos de terra, ou daquilo que chamarei de 'geologia abstrata"2, afirma Robert Smithson.

Para o amplo espaço expositivo da Bolsa de Arte, a artista nascida em Goiás, com décadas de vivência em Minas Gerais e radicada em São Paulo faz 15 anos apresenta séries recentes _ muitas delas exibidas neste ano no Museu Vale, em Vila Velha (ES) _, que articulam traços insuspeitos entre a land art, a earth art e a environmental art, sem cair em discursos algo artificiais sobre sustentabilidade e ecologia.

No conjunto de obras de Incerto Limite, Desvios e Derivas se constitui em um tipo de topografia de fios, espalhados por novelos que se articulam e emulam as distâncias entre cidades onde Paes Leme residiu, como San Francisco, Belo Horizonte, Tucson, Ituiutaba. Tem muito a ver com os vestigios da ação Arte Física: Cordões/ 30 km de Linhas Estendidas (1969), de Cildo Meireles, no qual um fio é estendido e recolhido ao longo do litoral do Estado do Rio de Janeiro. "[...] Quando a itinerância decanta resíduos, restos, sobras e percursos?

Quando a itinerância decanta tramas, redes, circuitos e colaborações?”3, interrogam os curadores e críticos Cauê Alves e Cristiana Tejo.

Olho d’Água (2000---2012), ambiente feito de alumínio reflexivo e néon, e Palavra d’Água (2012), resinas sobre alumínio, confrontam e investigam a imagem imersiva, o duplo, as versões. De contornos borrados, Olho... renuncia ao tom quase psicodélico de, por exemplo, Infinity Mirrored Room – Filled with the Brilliance of Life (2011), de Yayoi Kusama, mas lida com uma identidade em dissolução, com o desfazer de certezas, com a incompletude de percursos. Já Palavra... parece remeter a composições extracampo, figuras à espreita, ao dopplegänger, percebido pela teórica Doreet Levitte Harten em análise da mostra Água Viva.

Trabalhando com a Associação das Paneleiras de Goiabeiras, comunidade das bordas de Vitória (ES), construiu uma série de peças tridimensionais, Água Dura (1984---2012), que se desdobram em outro conjunto, nas águas de mangue sobre tela presentes agora em Incerto Limite. O amálgama do pigmento escorrido e orgânico, em mixagem com textos literários de Clarice Lispector, faz com que a sobreposição tão pronunciada nas teorias pós---modernas ganhe uma outra corporeidade, mais enigmática e menos cerebral. E se tomarmos Água Dura, os posteriores desdobramentos em telas dessa instalação e projetos como Ambulantes: Estructura---Acción (2008), realizado no México, todos de colaboração estrita com comunidades de lugares onde Paes Leme expõe, tais conjuntos se configuram em programas de grande teor político, questionando noções de lugar e não lugar, centralidade e margem, espaço, lócus e urbe, entre várias outras. Assim, a artista constroi uma trajetória bastante singular na história da arte brasileira, dando ênfase a uma particular convivência entre a matéria e a ideia.

Na série Ar (1998---2012), utilizando resíduos de uma sociedade de consumo voraz _ com obras que fundem desenho e objeto formados a partir de filtros de ar condicionado de carros, por exemplo _ , Paes Leme instiga questionamentos sobre o olhar a respeito do trivial, do que nos ladeia. Com formalizações cuidadosas, seduz o observador, mas não sem antes lançar um forte componente desestabilizador e, por que não, político.

NOTAS DE RODAPÉ

1. VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico. São Paulo, 34, 2008, p. 9

2. FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecilia (org.). Escritos de Artistas – Anos 60/70. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p. 182

3. ALVES, Cauê e TEJO, Cristiana (org.). Itinerários, Itinerâncias. São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2011, p. 30